



Instituto do emprego e formação Profissional
Centro de Formação Profissional de Viana do Castelo
Técnico Auxiliar de Saúde

Trabalho de Grupo

Privacidade, Intimidade e Sexualidade- Experiência de
Hospitalização em Crianças

Formandas: Raquel Viana e Idalina Fernandes

Formadora: Bárbara Vilela

Mediadora: Filipa Fernandes



MINISTÉRIO DA SOLIDARIEDADE,
EMPREGO E SEGURANÇA SOCIAL



Índice

Introdução	3
Desenvolvimento	4,5
Conclusão	6
Bibliografia	7
AnexoI	8,9
AnexoII	10, 11

Introdução

A criança não poderá exercer a sua autonomia (ainda que esta autonomia seja limitada pela maturidade da criança) e a sua privacidade será afectada. No âmbito da ética pediátrica, a privacidade pode ser um problema, quer para a criança, quer para a família. Para além de toda esta dinâmica, conflitos diversos poderão ser levantados na relação familiar e em todo o contexto da prestação de cuidados. Sendo assim, todo este trabalho será uma reflexão no que diz respeito à criança hospitalizada tendo em conta a necessidade de privacidade, confidencialidade e sigilo, para além de se abordar a importância da comunicação e da gestão da família.



Desenvolvimento

A criança tem características muito especiais e, por vezes, torna-se complicado afirmar a sua autonomia. Cuidar de uma criança, nas diversas fases do seu desenvolvimento, é um desafio para os profissionais de saúde pois requer um esforço constante e respeito por todo o contexto familiar.

A criança não pode ser desagregada da sua família em âmbito hospitalar, por isso é importante acolher a família e colocá-la a par dos tratamentos e intervenções. A comunicação pode ser uma ferramenta de trabalho importante onde os valores sociais e éticos poderão ser enaltecidos. A confidencialidade e a privacidade devem ser valores a manter na conduta profissional de acordo com a competência, respeitando a criança e a família.

Quando se pensa nos valores circundantes à criança, rapidamente se consegue perceber o porquê de serem seres tão frágeis e vulneráveis quando estão doentes ou mesmo em contexto de saúde de rotina.

Neste trabalho concluímos que hoje em dia os profissionais de saúde continuam a sentir alguma insegurança e encontram bastantes obstáculos no que diz respeito à prestação de cuidados de saúde em contexto pediátrico, quer pela complexidade da criança quer pela família.

Quando hospitalizada, uma criança configura um enorme desafio aos profissionais de saúde e à família. Inicialmente, a família e a criança encontram-se completamente desenquadradas da sua normalidade e da sua rotina, sendo que terão de se adaptar à nova situação para rapidamente poderem restabelecer as suas actividades normais. Ainda que de uma outra forma, os profissionais de saúde têm de se adaptar igualmente a todo o contexto envolvente àquela criança em particular.

Uma criança hospitalizada é um desafio permanente para os cuidadores e família, pois existe uma necessidade de protecção máxima no que respeita nesta dinâmica.

A criança hospitalizada tem a necessidade da privacidade, confidencialidade e sigilo, para além de se abordar a importância da comunicação e da gestão da família.

Neste contexto realizamos duas entrevistas, uma a um menino de 13 anos (Diogo) e outra a um menino de 17 anos (João) e mesmo ao entrevistar

sentimos falta de confiança e vergonha ao responder às diferentes perguntas, nomeadamente quando perguntávamos acerca do banho (entrevistas em anexo).

As crianças têm o direito de assumir que os profissionais vão comunicar com elas e suas famílias honestamente, que ninguém lhes fará mal e que irão ser bem tratados, de acordo com a sua autonomia e privacidade. A privacidade é um conceito multidimensional, pois através dos seus significados conseguem – se entender determinadas realidades. Assim sendo, a privacidade poderá ter três diferentes significados: privacidade física, privacidade de informação e privacidade familiar. Independentemente de qualquer um destes significados, conceitos como respeito, confiança, confidencialidade, veracidade, dignidade, humanidade, direitos e autonomia deverão ser valorizados e associados à privacidade.

Conclusão

Com este trabalho concluímos que a maturidade e a idade condicionam a verdade possível de compreender e de ouvir, mas a criança tem direito a saber o seu diagnóstico e o tratamento prestado. De qualquer forma, é importante relembrar que tanto se tem o direito de saber a verdade como o de não querer saber nada. Uma correcta comunicação poderá ser uma ferramenta extremamente importante em toda esta dinâmica como já referimos. Se por um lado a comunicação facilita a relação entre as pessoas (criança, família, profissionais de saúde), por outro lado ela poderá ser um meio de partilha e compreensão.

O respeito pela vida privada da criança e família pressupõe e contempla direitos como aceder ao processo clínico, e solicitar a correcção ou dados que lhes digam respeito. Este direito implica ainda o dever dos profissionais de manter o respeito pela intimidade da pessoa “alvo” de cuidados de saúde, incluindo no arquivo e transmissão de informação.

Neste nosso trabalho tivemos ajuda de uma Enfermeira de Pediatria e de pesquisa na webgrafia.

Bibliografia

<http://psicologado.com/atuacao/psicologia-hospitalar/a-crianca-e-o-processo-de-hospitalizacao>

http://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/viewFile/741/pdf_216

<http://saude.pt.msn.com/saudeemedicina/noticias/item/1636-direitos-da-crian%C3%A7a-hospitalizada>

ANEXO I

Entrevista a criança 1

Nome: João Silva

Idade: 17 anos

Sexo: Masculino

Habilitações Literárias 11ºano

Profissão: Estudante

Lugar de Residência: Arcos de Valdevez

Perguntas

1. *Já alguma vez foi internado(a)? Como se sentiu?*

Sim, estive internado uma semana no hospital de Santa Lúzia em Viana do Castelo. Senti-me nervoso porque fui a primeira vez que fiquei internado para ser operado.

2. *O que sentiu quando lhe comunicaram que tinha que ficar internado?*

Fiquei assustado e comecei logo a fazer perguntas a minha mãe.

3. *Acha que foi bem orientado para a entrada no Hospital?*

Sim, explicaram-me tudo e a médica foi muito explícita, aproveitei e tirei algumas dúvidas, pensei mesmo que fosse mais difícil.

4. *Como se preparou para o internamento? O que levou consigo?*

Foi tudo muito simples porque foi a minha mãe que me fez o saco, a única coisa que eu pedi à minha mãe para me por no saco foi o meu portátil.

5. *Porquê que foi internado(a)?*

Pra ser operado à apêndice.

6. Quanto tempo esteve internado?

Uma semana 12 de Janeiro até ao dia 19 de Janeiro.

7. Sentiu-se em segurança?

Sim, senti! Porque estive sempre com a minha mãe.

8. No momento de eliminação, teve privacidade? Como se sentiu? Em casa de banho ou no quarto?

Sim tive, sempre no momento da eliminação estive sozinho, e quando lá estavam visitantes dos outros utentes, a auxiliar pedia-lhes para sair do quarto.

9. Como se sentiu na hora do banho?

Senti-me bem, apesar de ter pouca mobilidade conseguia tomar banho sozinho.

10. E se fosse outra pessoa? E porquê?

Se fosse outra pessoa sentia-me mal, porque não ia conhecer, e também porque era mulher, se fosse um auxiliar homem sentiria-me mais à vontade.

11. Sentiu-se envergonhado(a) quando tomava banho? Foi difícil mostrar as partes íntimas?

Não porque tomei banho sozinho, mas se tivesse uma auxiliar ou a minha mãe, não me sentiria à vontade e teriam que sair para eu se pudesse lavar as partes íntimas.

12. Depois do internamento, foi bem orientado? Gostou do tratamento recebido?

Sim, desde médicos a auxiliares foram todos muito carinhosos comigo, ainda fiz amizades que nunca vou esquecer.

ANEXO II

Entrevista a criança 2

Nome: Diogo Cerqueira

Idade: 13 anos

Sexo: Masculino

Habilitações Literárias 7ºano

Profissão: Estudante

Lugar de Residência: Soutelo - Braga

Perguntas

1. *Já alguma vez foi internado(a)? Como se sentiu?*

Sim foi internado, e senti-me muito nervoso.

2. *O que sentiu quando lhe comunicaram que tinha que ficar internado?*

Quando me comunicaram que ia ficar internado, fiquei com um pouco de medo.

3. *Acha que foi bem orientado para a entrada no Hospital?*

Sim foi muito bem orientado para a entrada do Hospital.

4. *Como se preparou para o internamento? O que levou consigo?*

Os meus pais conversaram comigo, tentaram-me acalmar, levei comigo a *playstation*.

5. *Porquê que foi internado(a)?*

Para ser operado às amígdalas e ouvidos.

6. Quanto tempo esteve internado?

Estive internado 4 dias.

7. Sentiu-se em segurança?

Sim, porque estive sempre com os meus pais a me fazerem companhia.

8. No momento de eliminação, teve privacidade? Como se sentiu? Em casa de banho ou no quarto?

No momento da eliminação tive privacidade, senti-me nervoso mas foi na casa de banho.

9. Como se sentiu na hora do banho?

Na hora do banho senti-me envergonhado com a presença da auxiliar mas a minha mãe ajudava.

10. E se fosse outra pessoa? E porquê?

Não tomava banho, porque tinha vergonha, teria que estar a minha mãe comigo.

11. Sentiu-se envergonhado(a) quando tomava banho? Foi difícil mostrar as partes íntimas?

Senti-me envergonhado quando tomava banho, não foi muito difícil porque foi a minha mãe, se não era difícil.

12. Depois do internamento, foi bem orientado? Gostou do tratamento recebido?

Depois do internamento foi muito bem orientado, gostei da equipa e da forma que foi tratado, correu tudo bem.

